


COMENTÁRIO A
“DEMÔNIOS DA BRASILIDADE: NOTAS PARA UM NIILISMO TROPICAL” – SOBRE AUTORITARISMOS, FUNDAMENTALISMOS E OUTROS DEMÔNIOS: O POTENCIAL DA PSICOLOGIA ANALÍTICA COMO CHAVE DE LEITURA PARA O GOVERNO BOLSONARO

*João Paulo S. Vilas Boas*¹

Referência do artigo comentado: GEWEHR, R. B. Demônios da brasilidade: notas para um niilismo tropical. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 3, p. 343-370, 2021.

Em “Demônios da brasilidade: notas para um niilismo tropical”, Rodrigo Barros Gewehr oferece um convite tão pertinente quanto oportuno para refletir sobre “[...] as categorizações já inventadas para compreender a brasilidade (GEWEHR, p. 344)” – tais como o trabalho servil (Caio Prado Júnior), a cordialidade (S. Buarque de Holanda) e o autoritarismo (G. Freyre) – tomando como chave de leitura as reflexões de C. G. Jung sobre o papel das forças psíquicas do inconsciente coletivo como deflagradoras e sustentadoras de fenômenos de natureza social, o que implica considerar tais traços característicos do *ethos* brasileiro como um conjunto de “[...] potenciais pulsionais que mobilizam estratos mais recônditos da psique (GEWEHR,

¹Professor do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC) e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo UFT e UFABC, São Bernardo do Campo, SP – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0003-3236-2674> E-mail: vilas.boas@ufabc.edu.br

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.28.p371>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

2021, P. 357)”, os quais, inevitavelmente, acabam se manifestando na vida concreta.

Em vista da presente explosão de autoritarismos, fascismos e fundamentalismos, na sociedade brasileira, a possibilidade apresentada pelo autor – de pensar sobre esse tipo de ocorrência em termos de uma “*epidemia psíquica* (GEWEHR, 2021)” deflagrada pela ação inconsciente de “precipitados culturais (GEWEHR, 2021)” gestados, acumulados e fortalecidos ao longo de nossa história – mostra-se como uma valiosa hipótese hermenêutica para a compreensão desses fenômenos. Tão valiosa quanto o surpreendente prognóstico formulado por Jung, na década de 1930, acerca da futura guerra que viria a ser encampada pela Alemanha nazista, num ensaio sobre a figura mitológica de Wotan.

Partindo do princípio de que “[t]oda ação coletiva, arraigada no transcorrer do tempo histórico de um povo, produz traços, produz inércia como qualquer corpo (GEWEHR, 2021, P. 359)”, e ainda, que tal inércia “[...] dá conta de certa inspiração coletiva, de automatismos que se instalam no corpo da cultura (GEWEHR, 2021, p. 360)”, é seguro afirmar que a consideração da força do legado psíquico inconsciente, gestado ao longo de séculos de escravidão e realimentado pelas duas ditaduras do século XX, é um complemento indispensável às tentativas de se explicar a gigantesca receptividade recentemente conquistada por discursos autoritários, belicosos e antidemocráticos, no Brasil, bem como pelos respectivos atores políticos que os personificam, as quais, até então, caracterizam-se pela descrição e análise dos fatos a partir de categorias econômicas, midiáticas, políticas, histórias e/ou sociológicas.

A comparação bastante perspicaz do autor entre, de um lado, a magnitude do estardalhaço provocado pelo romance *Macunaíma* e, de outro lado, a intensidade da ressonância do protagonista do romance com processos psíquicos compartilhados pelos brasileiros, oferece-nos um panorama inédito para entendermos a ascensão da família Bolsonaro à cúpula do poder político, ladeada por figuras diretamente associadas a um perigoso radicalismo religioso, o qual se contrapõe abertamente não apenas a conhecimentos científicos consolidados, como também aos direitos humanos e aos princípios constitucionais de liberdade religiosa, igualdade de direitos e da laicidade do Estado.

Até o presente, as tentativas de explicar a eleição de Bolsonaro e o fortalecimento de discursos autoritários, fundamentalistas e de extrema direita no Brasil, recorreram à associação entre, de um lado, a recessão econômica e o aumento do desemprego, no Brasil, após 2014, acompanhados de perto pela transformação do ex-presidente Lula e de seu partido em verdadeiros bodes expiatórios, aos quais foi imputada a culpa por todas as mazelas que atingiram o país, no referido período, e ainda, de outro lado, um amplo processo de manipulação eleitoral, levado a cabo principalmente através da disseminação deliberada de *fake news* nas redes sociais, ao longo de 2018, a qual foi grandemente intensificada durante os meses de campanha eleitoral.

Conquanto tais reflexões de matriz econômica, histórica, política e/ou sociológica tenham importância absolutamente incontestável, elas são incapazes de dar conta do elemento demoníaco perceptível no atual governo. Referimo-nos aqui à popularidade inaudita que certos discursos flagrantemente falsos e absurdos, para não dizer irracionais, vêm conquistando, tanto entre membros da cúpula do governo como entre as fileiras de apoiadores do atual presidente da República – as quais, sem dúvida, incluem indivíduos das classes média e alta que tiveram acesso a uma educação de qualidade –, tais como: as crenças de que Terra seria plana e de que o nazismo seria uma ideologia de esquerda; a classificação dos médicos cubanos enviados para trabalhar no programa Mais Médicos como agentes secretos da ditadura comunista; a condenação unilateral das universidades públicas e do conhecimento produzido no país, entre outros.

A transformação de várias dentre essas crenças desarrazoadas em princípios norteadores das políticas públicas, assim como a obstinação inquebrantável e aparentemente imune ao aprendizado com a qual seus adeptos se engajam em defendê-las dentro e fora das redes sociais, são ocorrências que simultaneamente confirmam o caráter incompleto das análises econômicas, sociológicas e políticas do Brasil atual, ao mesmo tempo que apontam para a magnitude da força dos já referidos “potenciais pulsionais”, capazes de arrebatar e mover a todos nós, “[...] apesar da disposição crítica que nutrimos, ou supomos nutrir.” (GEWEHR, 2021, p. 346).

Soma-se a isso o caráter inequivocamente pessoal e visceralmente agressivo com o qual as divergências políticas vêm sendo tratadas. Os extremismos da polarização ideológica e a pessoalização dos ataques têm contribuído para transformar os espaços – tanto físicos como virtuais – de debate democrático sobre políticas públicas, teorias econômicas, direitos humanos

etc. em verdadeiras arenas, onde a violência discursiva direta, juntamente com sortilégios argumentativos de toda espécie, são disseminados com o objetivo de suplantar a racionalidade de quaisquer argumentos contrários e soterrar o debatedor, que é encarado como um inimigo a ser combatido e derrotado. A degeneração do agonismo e do debate impessoal, racional e desapaixonado, numa franca troca de agressões, torna perceptível o quanto de demoníaco reside na cordialidade dos brasileiros.

O fato de tais debates obstinados e radicalmente polarizados serem naturalmente desgastantes e infrutíferos revela insustentável a continuidade deles, o que, por sua vez, contribui igualmente para o esvaziamento das discussões democráticas, acompanhado pela intensificação do segregacionismo e do isolamento entre as diversas facções rivais. Tendo em vista que todos os fundamentalismos só florescem em meio ao isolamento, é seguro concluir que o enfraquecimento do caráter agonístico desses espaços de debate público só tende a fortalecer os fundamentalismos e corroer ainda mais a nossa já frágil democracia.

A ameaça representada por esse prognóstico nada animador evidencia o quão urgente e necessária é a tarefa de abrir novas veredas reflexivas sobre o Brasil e a brasilidade. A complexidade das dinâmicas sociais, políticas, culturais, religiosas, históricas, econômicas e também pulsionais, as quais, juntas, integram o contexto do presente, não comporta reducionismos nem soluções simplistas. Pelo contrário, para aqueles que se dispõem a levar a cabo a difícil tarefa de pensar criticamente sobre o país, é necessário coragem e disposição para não ignorar o demoníaco, nos indivíduos e nas massas. Nesse mister, o arcabouço teórico da psicologia analítica é, sem dúvida, um aliado precioso.

REFERÊNCIA

GEWEHR, R. B. Demônios da brasilidade: notas para um niilismo tropical. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 3, p. 343-370, 2021.

Recebido: 26/11/2020

Aceito: 03/12/2020